

**A DICOTOMIA DO SER: DE MULHER A MÃE - AS POSSÍVEIS
MUDANÇAS A PARTIR DA MATERNIDADE**

**Camilla Fernanda Magalhães Silva^I; César Filipe da Silva Oliveira^{II}; Clarissa Maria
Dubeux Lopes Barros^{III}**

^IEstudante de Psicologia na Faculdade Pernambucana de Saúde - camillam.12@hotmail.com

^{II}Livre Docente e Psicólogo Hospitalar do IMIP - cesar.filipe@ufpe.br

^{III}Docente da Faculdade Pernambucana de Saúde - claramabarros@gmail.com



Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Deus, meus familiares e amigos que foram tão pacientes e compreensíveis, a minha orientadora, Clarissa Barros, e meu co-orientador César Oliveira que nunca me deixaram, a Luciana Amaral que me auxiliou com alguns trâmites e principalmente agradecer ao meu filho, Heitor que por mais difícil que tenha sido foi um grande companheiro e o maior incentivador para persistir nos meus sonhos e seguir com esse tema tão importante ao conhecimento de todos. Gratidão a todos que me rodeiam.



O que será que uma mãe

faz,

além de ser mãe?

Ser mãe dói
demais.

Todas as mães

precisam do direito

fundamental de serem

mulheres também.

Ana Suy (A corda que sai do útero)

Resumo

A maternidade é uma construção de uma nova identidade para as mulheres, onde as mesmas vivem diversas modificações. Este estudo buscou compreender as mudanças na vida da mulher após ser mãe, em que foi observado transformações na vida social, familiar e na visão de si mesma. Integraram o presente estudo 3 mulheres, mães, primíparas, cujos bebês tinham de 6 meses a 2 anos. A coleta dos dados foi feita de forma qualitativa, o instrumento usado para a obtenção das informações foi um questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada com posterior análise de conteúdo. Os três temas identificados nas entrevistas foram: a descoberta - o constatar da maternidade e suas implicações; mulher a mãe - as transformações da mulher ao tornar-se mãe; e mãe a mulher - a vivência de uma nova mãe-mulher. A maternidade foi discutida a partir de variadas nuances e metamorfoses que a mulher pode vivenciar neste novo momento.

Palavras-chave: Mulheres; Relações mãe-filho; Gravidez; Maternidade.

Abstract

Motherhood is a construction of a new identity for women, where they experience several changes. This study sought to understand the changes in the woman's life after being a mother, in which transformations were observed in social, family and self-view. The present study included 3 women, mothers, primiparous, whose babies were between 6 months and 2 years old. Data collection was done in a qualitative way, the instrument used to obtain the information was a sociodemographic questionnaire and semi-structured interview with subsequent content analysis. The three themes identified in the interviews were: the discovery - the finding of motherhood and its implications; woman to mother - the woman's

transformations in becoming a mother; and mother to woman - the experience of a new mother-woman. Motherhood was discussed based on various nuances and metamorphoses that women can experience in this new moment.

Keywords: Women; Mother-child relations; Pregnancy; Maternity.

Resumen

La maternidad es una construcción de una nueva identidad para las mujeres, donde experimentan varios cambios. Este estudio buscó comprender los cambios en la vida de la mujer luego de ser madre, en los cuales se observaron transformaciones en la visión social, familiar y personal. El presente estudio incluyó a 3 mujeres, madres, primíparas, cuyos bebés tenían entre 6 meses y 2 años. La recolección de datos se realizó de forma cualitativa, el instrumento utilizado para obtener la información fue un cuestionario sociodemográfico y entrevista semiestructurada con posterior análisis de contenido. Los tres temas identificados en las entrevistas fueron: el descubrimiento - el hallazgo de la maternidad y sus implicaciones; de mujer a madre: las transformaciones de la mujer al convertirse en madre; y de madre a mujer: la experiencia de una nueva madre-mujer. La maternidad se debatió en base a diversos matices y metamorfosis que las mujeres pueden experimentar en este nuevo momento.

Palabras llave: Mujeres; Relaciones madre-hijo; El embarazo; Maternidad

Introdução

A mulher moderna, apesar de enfrentar muitas dificuldades, principalmente em relação à desigualdade de gênero, tem conseguido ao longo dos anos uma admirável participação no mercado de trabalho e na sociedade. No entanto, essa mulher ainda carrega consigo pressões das representações femininas e maternas antigas, as quais se referem exclusivamente a noção de esposa-mãe, um lugar comum carregado pelas figuras femininas de forma muito forte, principalmente no início do século XX, onde essa mulher se realiza ao criar sua prole e se dedica exclusivamente a educação e ao bom desenvolvimento dos mesmos. As atividades laborais é algo fora da realidade para essa figura, já que são os maridos que trazem o sustento, suas obrigações são cuidar da casa e de seus filhos. (Carneiro & Daróz, 2017)

No Brasil, na década de 80, o movimento feminista vai tomando voz, iniciando assim, a busca pela autonomia e os direitos femininos, pois até esse momento pouco lhe era atribuído. A partir disso, a mulher abre um leque de possibilidades sobre quem pode ser, despertando o desejo de realizar-se profissionalmente buscando independência financeira para posteriormente concretizar a concepção de um filho. Apesar da conquista do espaço na sociedade para ampliar essas possibilidades do que podem ser, apresentando interesses diferentes, novos anseios e expectativas, a pressão social ainda é muito grande, já que se tem a certeza de que só haverá total realização do feminino quando gerar um filho. (Monteiro & de Medeiros, 2013) (Pinto 2010)

Na modernidade há uma mulher multifacetada, a que cuida dos filhos, da casa, que trabalha fora e deseja viver uma vida social; mesmo obtendo sucesso em alguma dessas áreas ainda há

dificuldades de conciliar a maternidade e o trabalho já que essas atividades exigem certa disponibilidade de tempo e dedicação. Mesmo havendo leis que resguarde pelo menos os primeiros seis meses das mães com seus filhos, a dificuldade da separação do bebê faz com que essas mães sintam-se conduzidas a se afastar do seu trabalho para dar atenção exclusiva a sua prole, sendo assim passando mais tempo do que o planejado fora do mercado de trabalho, ou a depender de suas necessidades, continuam se esforçando para conciliar todas as suas obrigações. Cabe o questionamento, quais são os custos psíquicos para esses esforços. (Puccini, Aron & Franco, 2015)

A partir das representações sociais e compromissos a serem encarados pela mulher, a gestação e nascimento de uma criança podem ser fatores que suscitam a passagem para novas fases na vida. Contudo, essa transformação acontece em diversos âmbitos e em velocidades diferentes, pois dependem diretamente de uma associação de condições particulares da vida de cada uma dessas mulheres. Por exemplo, as mudanças geradas pelo impacto que essa gestação causa na vida das mães, como a imposição de um casamento, a saída do trabalho, o afastamento dos amigos e redução de sua vida social, principalmente entre o final da gestação e após os primeiros meses do nascimento da criança. (Dias & Teixeira, 2010)

O reconhecimento da maternidade se inicia muito antes do nascimento do bebê, desde a descoberta da gravidez, a representação parental já começa a ser estabelecida. O amor parental é explorado como um reestabelecimento do narcisismo dos pais, onde a criança é o centro de todas as atenções, onde essa valorização expõe o inconsciente de sua própria infância. (Piccini, Carvalho, Ourique & Lopes, 2012)

Freud (1933) dá ênfase na noção da maternidade como uma das saídas ao Complexo de Édipo na mulher, seu foco é em como essa gestação é um desejo reprimido da menina após passar pelo Complexo de Édipo, sendo assim, em 1933, no texto “Feminilidade”, Freud

aborda o fenômeno da castração e como se dá nas meninas. (Labaki, 2007) (Freud, 1996)

O Complexo de Édipo se inicia na castração, onde a garota se encontra na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual, momento em que a menina nota que não possui o falo. A partir desta observação a garota passa a censurar sua mãe, por a mesma não tê-la dado um falo e por essa figura materna ser insuficiente por também não possuí-lo, sendo assim há um “afastamento” desta progenitora, e o abandono do clitóris como zona genital, que passa a vagina; a menina passa a investir no pai para obter o falo, transformando no desejo de ter um filho com o genitor, com o tempo é notado que sua investida é em vão e o desejo é recalçado, que ressurge no momento em que a mulher se descobre grávida conseguindo assim gerar o filho que tanto ansiou um dia, a maternidade acaba por ser uma forma de substituir aquele falo que a mesma nunca teve. (Freud, 1997) (de Freitas & de Lima, 2004) (Nasio, 1997) Sendo assim, este artigo parte da seguinte questão, como a condição social e individual de mulher repercute nas suas vivências da maternidade?

Método

Participantes

Participaram do presente estudo três mulheres, mães, primíparas, que passaram pelo setor de enfermagem de um hospital de referência da região metropolitana da cidade do Recife. Foram excluídas mães que não possuem condições de fala, seja por motivos de ordem cognitiva ou emocional e também por falta de habilidade da participante quanto ao uso do recurso de tecnologia para responder ao formulário e impossibilidade de acesso a internet.

As mães que compuseram a presente amostra se caracterizam por está na faixa etária dos 20 aos 32 anos, trabalhadoras, que tiveram seu primeiro filho entre seis meses a dois anos.

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, quando de sua realização, sob n. 28578619.2.0000.5201.

As entrevistas aconteceram de forma virtual, online, por meio do aplicativo Google meet, preservando-se a privacidade e evitando-se interrupções.

As temáticas expressas pelas entrevistadas foram avaliadas metodologicamente pela análise de conteúdo conforme Bardin (2011)¹², a mesma consiste em fazer o ponto de partida do tratamento dos dados se deu pela transcrição do material gravado para arquivos em computador. Em seguida, foi feita a leitura flutuante, que se caracteriza por ser o momento em que o pesquisador passa a ter um maior contato com o texto, buscando compreender o que não foi dito explicitamente. Após a leitura flutuante foi feita a categorização dos assuntos mais relevantes e repetidos. Tais assuntos foram agrupados em temas relacionados aos objetivos da pesquisa. Por fim, realizou-se a análise e interpretação do material obtido baseada no referencial teórico utilizado na pesquisa.

Resultado e Discussão

Foram descritos e analisados os principais temas levantados pelas entrevistadas. As mulheres e seus filhos foram identificadas como Afrodite (mãe de Piper), Ártemis (mãe de Bianca) e Atena (mãe de George), para garantir o caráter confidencial ou segurança do anonimato.

A partir do que foi trazido pelas entrevistadas emergiram três categorias, nomeadas como “a descoberta”, de “mãe a mulher” e de “mulher a mãe”.

A descoberta: O constatar da maternidade e suas implicações

A primeira categoria abordada foi “a descoberta”, que descreve como essas mulheres enfrentaram a chegada do filho, e como subcategoria as mudanças físicas durante e após a gestação. Observou-se que nos três relatos destacam-se sentimentos de surpresa e desconforto com a descoberta da gestação, tal como o de Afrodite, mãe de Piper: “...porque eu não sabia como falar, por não ser uma gravidez planejada, se eu não esperava, eles muito menos, então foi bastante complicado, chegar no ponto de dizer, "ô tô grávida", sabe, foi bem... bastante complicado, de verdade”.

Vivenciar uma gravidez não planejada não repercute apenas na vida da mãe, mas sim de todos aqueles que estão a sua volta. Tudo que um dia foi planejado acaba por ser mudado, pois a gestação culmina em algo completamente inesperado, e podem ocorrer novos anseios em relação ao novo papel ao qual será dado a essa mulher, adulta está que pode nunca ter pensado em ser mãe. (Delgado, et al. 2020)

A partir disto, pode-se interpretar que as mulheres sentem-se na obrigação de viver um amor incondicional e felicidade instantânea ao se descobrirem grávidas, e fazem desse sentir o único possível. O não desejo da gestação se torna inaceitável quando se observa do viés

social, pois ainda se tem a visão de uma maternidade romantizada e perfeita, onde o bebê gerado é sinônimo de felicidade. Freud (1933) traz que a maternidade é o desejo mais profundo de uma mulher, e quando realizado traz uma grande felicidade, além disso, para ele, essa realização maternal, é um das possíveis saídas do complexo de Édipo, e a entrada na feminilidade.

Pôde-se identificar também que os primeiros sentimentos manifestados em uma gestação não desejada foram de desconforto, visto que se mostram as únicas em seu ciclo social que não estão vibrando com a gestação. Nesse sentido podemos observar passagens como a de Atena (mãe de George): “A única pessoa que não se sentia confortável com a situação era eu mesma, mas o resto das pessoas ficaram muito felizes”.; Ou ainda com Artemis (mãe de

Bianca): “...fingia que aceitava, que todo mundo “ah, que legal, parabéns”, pra mim eu fingia que era algo fácil e não era”.

Além de todas as dificuldades para aceitar que se está gestando um novo ser, as mudanças físicas começam a se tornar visíveis, e tal transição pode acabar por gerar desconforto ou satisfação com o próprio corpo, no entanto, foi relatado os desconfortos que foram causados pela transformação corporal: “Eu não gostava do meu corpo grávida, não gostava, é daquela forma de gestante, da minha barriga assim”. Atena (Mãe de George).

As mudanças físicas atingem diretamente a autoestima dessa mulher, em nove meses vê seu corpo completamente transformado, e tal modificação pode deixar marcas permanentes,

como no caso de Atena (Mãe de George): “...mudanças eternas que meu corpo sofreu e uma delas foi a diástase, que me, eu acho que muita gestante acontece isso, de um músculo se, né? afastar, e sua barriga ficar um pouco flácida em uma certa região dela...”

A forma de lidar com as mudanças é pessoal, porém é perceptível que não é tão fácil enfrentá-las e que é necessário um certo tempo para voltar a confiar novamente em sua autoimagem: “Antes eu me achava mais bonita, hoje não acho, antes eu me cuidava mais, hoje não, eu nem ligo, sabe, tô voltando a ligar agora, antes, antes eu nem ligava, penteava nem o cabelo”. Afrodite (Mãe de Piper)

As mulheres podem passar por momentos de total desconforto com as mudanças físicas que venham apresentar no pós-gestação, gerando insatisfação com seu reflexo. Essas mudanças podem ser sinônimo de perturbar sua autoestima. (Szejer & Stewart, 1997)

Mulher a Mãe: As transformações da mulher ao tornar-se mãe

A segunda categoria é “de mulher a mãe”, tem-se o intuito de debater como as mudanças na vida da mulher ocorreram e as diferentes formas que essas novas mães enfrentaram as dificuldades, as facilidades e as transformações que cada uma passou até chegarem ao momento atual. A discussão tem como foco principal a percepção de cada mulher do que é

ser mãe, as responsabilidades e os sentimentos trazidos a partir da maternidade, os planos que continha antes de engravidar e se mudou algo, além de abordar como a rede de apoio pode auxiliar essa nova mãe.

A maternidade pode trazer diversas emoções que se misturam, sejam elas benéficas ou nem tanto assim, é uma dicotomia do querer e não querer. É amar profundamente, mas também não desejar tal responsabilidade, nesse mar de sentimentos mora o “ser mãe”, lugar o qual não se sabe onde habitar, é como viver em dois mundos distintos, o do desejo e o do não querer, que acabam por se encontrar, nesse junção de mundos vive o amor materno. No entanto é de grande engano julgar que esse amor é bonito e romântico, pelo contrário, em que as mães passam por diversas adversidades. Salienta-se que o amor materno vai muito além do instinto, é construção de vínculo entre mãe e filho, vínculo esse que não habita apenas a relação mãe-bebê, todavia pode estar na relação familiar como um todo, podendo trazer reafirmação de antigos laços e fortalecimento de outros, principalmente o de mãe (avó da criança) e filha.

Sobre o ser mãe, Atena (Mãe de George) afirma: “Uma mistura de sentimentos de amor incondicional e de atravessar o inferno com o filho no colo diariamente, maternar não tem nada de romântico, apesar do amor incondicional, né...”. Segundo Badinter (1985, p. 367), “Esse sentimento pode existir ou não existir, ser e desaparecer, se mostrar forte ou frágil. Preferir ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da história. Não, não há lei universal nessa matéria, que escapa do determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres, é adicional”.

A partir das entrevistas pôde-se observar que cada mulher descreve o ser mãe de forma diferente, pois depende muito de suas experiências, vivências e até mesmo sua relação familiar. Vemos essa distinção a partir da observação do relato anterior, e o de Ártemis: “responsabilidade enorme!”.

Sobre esse relato de responsabilidade, Mondo e Souza (2020, p. 16) afirmam, “em relação a responsabilidade, considera-se que uma criança é um ser que depende de alguém que lhe indique o caminho, que supra suas necessidades, até que ele próprio possa fazer isso, portanto, de forma geral, cabe aos provedores essas responsabilidades: educar, alimentar, estimular, guiar”.

Enquanto para uma o “ser mãe” fala sobre as dificuldades e mistura de sentimentos, vemos que para outra o “ser mãe” pesa na responsabilidade que essa figura carrega. Para cada mulher irá existir uma forma do que é “ser mãe”, do seu papel de maternar, e a partir disto é compreensível que a maternidade é algo singular, não há possibilidades de medir conhecimentos na maternagem, pois dependerá de como foi construído o maternar e as experiências vividas a partir dele.

As emoções fazem parte da constituição humana, ela é inerente a todos nós, inclusive e principalmente as mães, que podem perpassar por uma montanha russa de sentimentos, cheia de altos e baixos e ao mesmo tempo. A partir de todo esse turbilhão de emoções que a maternidade pode trazer foi pedido para que as entrevistadas manifestassem um lado positivo e um negativo sobre a maternagem, além de responderem o sentimento também tentaram descrever como se sentem a partir delas. Afrodite (Mãe de Piper) afirma que:

A gente conhece um amor, que nem imaginaria que teria esse amor, né, a gente nem sabe explicar esse amor, as nossas mudanças, e um lado às vezes meio difícil é lidar, principalmente quem trabalha, é lidar com cansaço, porque cansa, a maternidade, não é, não vamos romantizar.

Já Ártemis (Mãe de Bianca) diz: “o lado ruim, é a, a dedicação de ser mãe, é exclusiva, coisa que nunca acaba, e o lado bom, é o companheirismo, a lealdade”. Pode-se observar que amor e seus sinônimos sempre estão presentes nas falas, mas que também o cansaço e a dedicação exclusiva são emoções que trazem certo incômodo, e sobre isso, a maternidade para mulheres

modernas pode ser vista como desconfortável, porém o amor por seus filhos ficam sempre bem explanado e incontestável. Os modelos atuais da maternidade se pautam por dividir a maternidade em “bondosa” ou “desagradável”. (Donath, 2017)

A maternidade não é uma vivência simples, ao contrário, pode acabar por trazer várias novas emoções nunca experimentadas, na maternagem não há garantias. Esses sentimentos maternos estão mais para um armário bagunçado e que com o passar do tempo e com as experiências são melhores administradas.

Dentro da categoria “mulher a mãe” temos a discussão sobre rede de apoio, o item em questão tem por interesse discutir se as mulheres possuem uma rede de apoio, e de qual forma essa rede colabora com os cuidados para com a mãe e com o bebê.

A rede de apoio é uma ferramenta que quando bem estruturada pode trazer benefícios, seja para a mulher grávida (que consegue ter apoio e acolhimento durante sua gestação), quanto para mãe e seu bebê (que consegue dividir atividades que precisam ser feitas com a criança), além de permitir que a mulher exerça outras atividades (como trabalhar). Essa organização pode trazer conforto para a mãe, que acaba por compreender que sua prole está com alguém de confiança, além de o bebê criar laços profundos e de confiança com outros cuidadores que estão presente no seu dia a dia.

A seguir um relato sobre rede de apoio:

Meus pais sempre, tipo, me apoiou, do começo da gravidez, até agora, então, minha família, é o, é o meu apoio, meu pé, minha mão, que eu precisar, Piper só fica com eles, e tal, sabe, família mesmo. Muito positiva. Ártemis (Mãe de Bianca)

Sobre as redes de apoio, Pereira e Leitão (2020, p. 4) afirmam que “assim, o ambiente exerce um papel fundamental na constituição subjetiva da maternidade e na experiência materna. O ambiente oferece, ou falha em prover, as condições físicas, materiais, familiares, sociais, históricas e culturais que sustentam a mulher no exercício da função parental.”

Aspecto que também podemos ver na fala de Afrodite (Mãe de Piper) “foi bem difícil, difícil, mesmo, mas a rede, maravilhosa, maravilhosa, tanto minha mãe, minhas irmãs, minhas primas, minhas tias”.

É observável nos relatos a importância da rede de apoio para as mulheres, nota-se que há um fortalecimento dos laços na relação familiar e também um auxílio para a nova mãe. Mas pode-se considerar que há dificuldades e limitações em redes de apoio, no entanto não significa que não exista, podemos ver isso na fala de Atena (Mãe de George): “Minha mãe fica com meu filho pra eu ir trabalhar, mas ela também assim, já tem uma certa idade”.

Zannata, Pereira e Alves (2017 p. 4) asseguram que, “com o nascimento de um bebê, o companheiro da mãe e sua própria mãe (avó do bebê) destacam-se como sendo, na maioria das vezes, as principais fontes de apoio à mãe”.

Há diferentes configurações de rede de apoio e na divisão de cuidados, podemos observar que nos três relatos há diferentes disposições familiares, mas que nenhuma delas deixa a desejar quando o tema apoio se apresenta.

A maternidade vem acompanhada de diversas mudanças como já foi discutido anteriormente, dentre essas mudanças pode haver também a modificação de planos, de sonhos que foram idealizados desde a infância, de desejos ainda não realizados, porém a maternidade pode trazer sensações de não possibilidade da realização desses planos, e é a partir desta reflexão que foi perguntado às entrevistadas se as mesmas possuíam planos e se a partir da descoberta da maternidade os mesmos foram modificados, sendo assim, aqui iniciamos uma nova subcategoria “planejamento de vida”.

Sobre seus planos, Ártemis (mãe de Bianca) declara: “agora mudou para melhor, parece que antes eu tava, os planos eram meio perdidos, eram soltos assim, não tinha um foco, e agora tem um foco”. A mesma também afirma que: “precisei abrir mão, mas temporário dá, do mestrado, mas isso é questão de organização agora”.

Salazar (2019, p. 99) justifica: “um contínuo inventivo de reorganizações e rearranjos que lhes permite se aproximar ao almejo da experiência materna “ideal” para cada uma delas”.

Nesse sentido, Ártemis afirma que seus planos não tinham tanto foco, era como água turva, e a partir da maternidade conseguiu firmar seus planejamentos. Da forma que ela expressa como se sente em relação a seus planos e maternidade pode-se compreender que o “ser mãe” não surgiu como podador de planos, e sim como impulsionador dos mesmos. É interessante pensar que as realizações podem ficar a cargo da maternidade, que é a partir dela que há um caminho novo se misturando com o antigo. Outro ponto pode-se observar a partir do relato de Afrodite (Mãe de Piper):

Oh, não vai dá pra trabalhar agora que to grávida”, e ninguém iria contratar uma pessoa grávida, né. Assim, não mudou meus planos, mas prejudicou um pouco, porque consegui um trabalho que a carga horária não dá pra conciliar com o estudo, sabe, porque são horários de oito horas, e ainda tem Piper, fora que meu trabalho eu não posso programar nada, porque é horário incerto, um dia tu pega num horário, outro no outro, e assim vai, então não dá pra conciliar trabalho agora, trabalho, faculdade e Piper. Não dá.

Silva (2016, p. 39), afirma que: “[...] compreende-se que conciliar maternidade e trabalho se configura como um desafio para as mulheres no século XXI e a conquista de sua independência financeira passa pelo trabalho”. As dificuldades na realização de planos também acontecem por questões da não possibilidade de conciliar todos os seus papéis.

Afrodite afirma não conseguir dar conta do seu trabalho, da filha e de estudar, então abriu mão dos estudos para poder dedicar a parte do tempo que lhe sobra para ficar com a filha, essas dificuldades em gerir tempo é mais comum do que se pensa, muitas mulheres necessitam abrir mão de alguns de seus sonhos para conseguir conciliar a maternidade e seu

trabalho, pois fazendo isso consegue alcançar certa independência financeira e dar seu melhor a criança.

Mãe a Mulher: A vivência de uma nova mãe-mulher

Ao nascer um bebê, nasce uma mãe, que continua sendo mulher, que continua sendo filha, funcionária, namorada, esposa, irmã, tia, nesse nascimento nenhuma dessas possíveis identidades desaparece, mas muitas vezes podem ser colocadas em segundo plano, pois se imagina que a prioridade é aquele ser que acabou de nascer e ainda nem se reconhece como parte do mundo, a mãe toma todos os cuidados necessários e básicos para sustentar a nova vida, entretanto indaga-se o quanto dessa adulta pode ser tomado por essa maternidade e acabar por omitir seu lado mulher. A partir desta pergunta iniciamos uma nova categoria “mãe a mulher”, a discussão acontecerá a partir de como as entrevistadas se identificam ao ser mãe-mulher, serão tratadas as temáticas sociais e relacionais com as próprias mães e as mudanças no ser mulher a partir da maternagem.

A subcategoria a ser apresentada a seguir será a de “visão de mulher pós-maternidade”, que consiste em discutir como a nova mãe encara o “ser mulher” e como a maternidade pode ter

transformado essa perspectiva. A seguir recortes das falas das entrevistadas: “é acho que não sou vista mais, é, minha irmã brinca, ela diz que não existe mais Ártemis, existe agora a mãe de Bianca”. Ártemis (Mãe de Bianca). A partir dessa mudança de identidade, Mondo e Souza, (2020, p. 13) afirma: “Portanto, como seres sociais, as mulheres carregam em sua identidade tanto o papel de mulher, quanto o papel de mãe, e com eles, todos os estigmas e expectativas que acompanham o mesmo. Isso influenciará diretamente na perspectiva que a mesma terá sobre a maternidade.”

No relato de Ártemis observa-se que a maternidade pode acabar por ser tornar a identidade principal de uma mulher, que passa a ser reconhecida como mãe de alguém e não como



ela

mesma, vale destacar ainda que mesmo a maternidade sendo o possível marcador identitário de maior significado para a mulher, não necessariamente a mesma anula sua identidade de mulher, mas acaba por deixá-lo em segundo plano priorizando a maternidade.

Em outro relato podemos observar que há outras formas de se observar o ser mulher ao ser mãe:

Mudou, principalmente e tipo, mulher querer ser independente, se antes eu pensava hoje que, sendo mãe e solteira, né, mãe solteira, muda mais ainda, que tipo, minha filha depende de mim totalmente, então eu preciso dá o melhor de mim pra poder dar o melhor pra ela, sabe, então acho que, o que eu mais acho é isso, que mulher tem que ser independente. Afrodite (Mãe de Piper)

A maternidade é transformadora, a mulher passa por diversas mudanças, não apenas físicas, mas também de atitudes e visão de mundo, é irrevogável não se modificar com tal experiências. A maternidade passa a ser um evento revolucionário. (Lemos & Kind, 2017) Para Afrodite o ser mãe-mulher é assumir sua responsabilidade, é sonhar por dois, tomar-se independente de qualquer pessoa. Além dessa reivindicação de independência a mesma ainda levanta a questão de ser mãe solo, que a provoca a dar o seu melhor por sua filha, pode-se notar que a sua identidade se ressignificou a partir das dificuldades que a foram impostas, mas que não a abala, e sim impulsiona a tornar-se uma mulher soberana.

Se houvesse possibilidade de conceituar o que é ser mãe-mulher poderia-se assim dizer que são mulheres distintas com vivências diferentes, possuidoras de uma singularidade e histórias diversas e que se formaram a partir de dissemelhanças de apresentação de mundo, sendo

assim não há possibilidades de criar-se um conceito único para o que é ser mulher após tornar-se mãe.

Uma nova subcategoria é posta, “a mãe na sociedade e seus planos”. Neste tópico têm-se por interesse discutir como as entrevistadas se veem a partir dos olhos da sociedade, de que forma

esse olhar repercute nelas e como seus planos se modificaram a partir da maternidade. Sendo assim, traz-se a fala de uma das entrevistadas: “Mulher pós maternidade pela sociedade, muitas vezes ela é vista como uma pessoa que tem se dedicar 100% ao filho.” Atena (Mãe de George)

Colares e Martins (2016, p. 44) contextualiza: “Dessa forma, a mulher recebe a conotação de sempre servir a sociedade, uma produtora biológica que não teria voz, que não existiria como um ser individual, anulando-se o desejo, anulando-se o sujeito.”

Percebe-se o que Colares e Martins colocaram nas palavras de Atena, que em seu relato afirma que a sociedade ainda tolhe mulheres que são mães, reduzem suas identidades

unicamente a maternagem. Com o movimento feminista fervilhando e milhares de mulheres tomando voz é importante levantar uma reflexão social sobre como mulheres-mães são vistas e derrubar o paradigma de que as mulheres precisam agir apenas como seres instintivos, que precisam se dedicar a sua prole e nada além disso.

Das participantes, Atena destacou bastante “a mãe na sociedade e seus planos”, no entanto as outras mal entraram no conteúdo, na possibilidade de não se sentirem tão implicadas a falar sobre o assunto, mesmo nesta discussão da mulher/mãe na sociedade precisamos compreender que as interações sociais também fica a cargo da singularidade, que cada mulher possui uma forma única de interpretar sua vivências.

A terceira subcategoria fica a ofício da relação mãe (avó da criança) com a mãe, a mesma será chamada de “Ligação Avó e Mãe”, além da importância do apoio de um possível companheiro, ter o apoio da mãe em um momento tão único da mulher faz com que essa relação mãe/filha seja repensada a partir de como os laços se estabeleceram. As entrevistadas relatam a reaproximação.

De uma visão favorável, uma relação de reaproximação entre a mãe e a avó é encontrada em dois discursos: “eu acho que a gente ficou até mais próxima” Afrodite (mãe de Piper), “um

sentimento de rebeldia, eu fazia as coisas pra provocar, acho que agora é um sentimento de gratidão.” Ártemis (mãe de Bianca).

Sobre as duas falas Mondo e Souza, (2020, p. 13) afirmam, “A forma como a mulher irá internalizar e sentir a maternidade será fortemente influenciada pelo contexto no qual ela vive e por sua história, afinal, sua identidade é a soma de suas vivências, seus papéis, suas marcas, portanto, a sua percepção diante da maternidade, do exercício do papel de mãe, será resultado de uma série de fatores que a fizeram ser quem ela é.”

A maternidade é, fundamentalmente, efeito de uma operação psíquica que está no cerne da história individual e subjetiva de cada mulher-mãe. Tanto assim, que poderíamos trocar o dito

- “instinto materno”, pela expressão “reativação dos traços mnêmicos inconscientes da maternagem recebida pela própria mãe” (Cabussu, 2003). Ao cuidar do filho, a mulher se depara com sua verdade inconsciente, a saber: a mãe da criança é também a criança da mãe, ou seja, daquilo que uma mãe vivenciou como filha. No processo da maternidade, a mulher reedita a experiência com outra mulher-mãe, qual seja a sua própria mãe. A possível colaboração da mãe dentro da nova vivência, antes uma relação pautada em rebeldia e distanciamento torna-se de aproximação e conforto, agora a presença da mãe não é mais

empecilho, é um acesso para florescer uma nova relação. Os aspectos positivos de uma nova relação desabrocham a partir da colaboração da vó com os cuidados com os netos e assim dá a oportunidade da nova mãe de preocupar-se com outras coisas.

De uma visão não tão favorável Atena (mãe de George) traz seu relato:

Ela não pode projetar em mim o que ela quer que eu seja, nem como mãe, nem como filha, e as vezes isso causa conflito nessa questão. A maternidade foi umas das coisas que mudou muito minha cabeça, e que talvez minha mãe não enxergue isso, e ache que eu continue a mesma pessoa e isso gera conflitos entre a gente.

A partir disto Zanin e Schaker (2010 p. 26) afirmam: “A relação entre mãe e filha estabelecida no âmbito familiar remete a algumas situações de autoridade e poder por parte da mãe. Essa relação se estende praticamente por toda trajetória de vida da mãe, ocorrendo

algumas modificações com o casamento e a maternidade da filha, fatos que podem fortalecer ou enfraquecer o relacionamento entre elas.”

Os laços afetivos podem se enfraquecer a partir de cobranças por parte da mãe, a filha acaba por se sentir pressionada e ou tenta realizar exaustivamente essa ânsia da mãe ou se afasta da mesma. As dificuldades na relação pode não findar por não haver melhora após a maternidade, ao contrário, pode causar mais desentendimento por a mãe desejar que a filha seja seu espelho no materno, então laços delicados acabam por se fragilizar mais ainda.

Considerações Finais

Ao se descobrir grávida a mulher também adquire uma nova identidade, o ser mãe. Como pôde ser visto a maternidade perpassa por várias mudanças e renovações, as mulheres trazem relatos pessoais, partem de suas vivências, daquilo que é ser mãe para elas, sendo assim a maternidade é singular, da mesma forma que ser mulher também, cada uma vai passar por seus momentos de formas distintas. A maternidade acaba por permitir que as figuras femininas alcancem novos voos, mudando ou reorganizando seus planos, se reconhecendo a partir do ser mãe, além de renovar laços e descobrir novas formas de ser mulher mesmo sendo mãe.

Referências

- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (1977). Análise de conteúdo. Lisboa: edições, 70, 225.



Cabassu, G. (2003). A clínica precoce, história de uma colaboração psicanalista/pediatra. *Boi da cara preta: crianças no hospital*, 46-66.

Carneiro, C., & Daróz, E. P. (2017). Bela, recatada e do l/bar: o imaginário da mulher na contemporaneidade. *Letras Escreve*, 7(1), 185-201.

Colares, S. C. S., & Martins, R. P. M. (2016). Maternidade: uma construção social além do desejo. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde*, 6(1).

da Silva, R. M. (2016). Gênero, estudo e trabalho: dilemas da mulher contemporânea. *Emescam*.

de Freitas Farias, C. N., & de Lima, G. G. (2004). A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. *Estilos da Clínica*, 9(16), 12-27.

Delgado, V. G., dos Santos Oliveira, E., Frota, E. D. F. P., Neta, A. R. D., Chaves, R. F., do Nascimento, G. D. O. B., ... & Soares, F. G. S. (2020). Gravidez não planejada e os fatores associados à prática do aborto: revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(5), 12315-12327.

Dias, A. C. G., & Teixeira, M. A. P. (2010). Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20(45), 123-131.

Freud, S. (1996). Feminilidade. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22, 113-134.

Freud, S., & Corrêa, P. D. (1997). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição 'Livros do Brasil'.

Labaki, M. E. P. (2007). Ter filhos é o mesmo que ser mãe?. *Jornal de psicanálise*, 40(72), 75-87.

Lemos, R. F. S., & Kind, L. (2017). Mulheres e maternidade: faces possíveis. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(3), 840-859.



- Mondo, F. S. (2020). Ser mãe: as expectativas para o exercício da maternidade. *Psicologia-Tubarão*.
- Monteiro, C. M. V. R., & De Medeiros, M. P. (2013). O desejo de ter filhos na mulher contemporânea. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 14(1).
- Nasio, J. D. (1997). Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pereira, V. B., & Leitão, H. D. A. L. (2020). Sobrecarga e rede de apoio: a experiência da maternidade depois da separação conjugal. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(1), 1-12.
- Piccinini, C. A., Carvalho, F. T. D., Ourique, L. R., & Lopes, R. S. (2012). Percepções e sentimentos de gestantes sobre o pré-natal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 27-33.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de sociologia e política*, 18(36), 15-23.
- Puccini, B. C., Aron, M. L., & Franco, E. S. (2015). Trabalhadora e mãe: papéis, identidade, consciência política e democracia. *Revista Psicologia Política*, 15(34), 587-597.
- Salazar, V. (2019). Estudo da maternidade em mulheres cientistas profissionais de camadas médias, no Norte do Brasil. *Wamon-Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM*, 4(2), 89-102.
- Szejer, M., Benetti, M. N. B., Stewart, R., Lambrichs, L. L., & Frydman, R. (1997). Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. Casa do Psicólogo.
- Zanatta, E., Pereira, C. R. R., & Alves, A. P. (2017). A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(3), 16.



Zanin, L. C., & Schacker, L. C. (2010). Avós maternas: incentivadoras da amamentação?. Revista Conhecimento Online, 1, 23-35.

